

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

**A CONSTRUÇÃO DO *SER* ARTISTA DOCENTE:
UM OLHAR PARA SI**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

JOSIANE MEDIANEIRA SOARES

Santa Maria, RS, Brasil

2014

**A CONSTRUÇÃO DO *SER* ARTISTA DOCENTE:
UM OLHAR PARA SI**

JOSIANE MEDIANEIRA SOARES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Teatro, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM – RS), como requisito final para obtenção do título de **Licenciada em Teatro**.

Orientadora: Prof^a Cândice Lorenzoni

Santa Maria, RS

2014

A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.

Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.
(Manoel de Barros)

Agradecimentos:

Agradeço primeiramente aos meus pais por me apoiarem durante o período de graduação e mais ainda na escrita desse trabalho. A minha família que esteve sempre ao meu lado. Ao Ricardo que me incentivou a cursar Licenciatura em Teatro e que esteve ao meu lado durante toda a graduação me apoiando, dando força e muito amor. À minha orientadora Cândice pelo carinho, direcionamento e indicações bibliográficas que contribuíram muito para o desenvolvimento desse trabalho. Agradeço aos meus colegas pelas horas de escuta dos desabafos e consultas quase terapêuticas no decorrer da pesquisa. Especialmente a Fernanda pelas correções, orientações e diálogos, ao Dêivide e a Tainá por embarcarem junto na pesquisa. Agradeço também, a todos os professores que estão presentes no memorial e na minha prática docente. Sem vocês, eu não seria quem sou e não amaria tanto o que faço. Fica ainda, o agradecimento para meus alunos e alunas que atravessaram minha vida e me atravessaram com *ser* docente. Obrigada ao PIBID por oportunizar tantos momentos valiosos com esses alunos.

SUMÁRIO

1 - INICIO DO PERCURSO	1
2 - CURIOSIDADE QUE OS CAMINHOS ME LEVARAM.....	3
3 - EXPERIÊNCIAS FORMADORAS QUE ME CONSTITUEM	4
4 - ITINERÁRIO	12
5 - ME VI, TE VI, NOS VI, ME (RE)VI - MEMORIAIS.....	15
5.1 - FRIDA	20
5.2 - ALICE	21
5.3 – JÔÃO DE BARROS.....	23
6 – DOS COLEGAS ESCOLHIDOS.....	26
7 – FINAL DO PERCURSO?.....	27
8 - BIBLIOGRAFIA.....	29

CONSTRUÇÃO DO *SER* ARTISTA DOCENTE: UM OLHAR PARA SI

1- O INICIO DO PERCURSO

Esse trabalho traz a reflexão sobre a escolha pela profissão docente, investigando se há ou não resquícios de professores que tivemos durante a formação discente em nossa prática enquanto educadores. É o resultado da pesquisa decorrida durante o ano de dois mil e quatorze, para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Santa Maria, sob a orientação da Professora, Mestra Cândice Lorenzoni.

Nessa pesquisa proponho junto a três colegas - por vezes chamados colaboradores e outras, por nome fictício - formandos desse ano e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) refletir sobre o perfil de professores presentes em nossas memórias e perceber se há a influência desses pela escolha do curso de graduação ou o que deles se fazem presente quando estamos atuando em sala de aula.

Também busquei refazer meu percurso de formação e rever o que ficou dos professores na minha história de vida e em minha formação. Segundo professora e pesquisadora francesa Marie-Chistine Josso,

“o sujeito ao reconstruir o seu itinerário de vida realiza uma reflexão quando rememora o seu passado e a partir disso toma consciência de si, portanto, o caráter formativo do método, reside nessa tomada de consciência de suas experiências sejam elas negativas ou positivas (...)”(JOSSO 1999, Apud POLON 2009, p. 1223)

Trago ainda o que Josso fala em seu livro “Experiências de Vida e Formação”, onde aponta a importância de refletir sobre a formação e autoformação por meio das vivências que tivemos. Destaco que “essas vivências atingem o status de experiência a partir do trabalho de reflexão sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido” (JOSSO, 2010, p 48) Por isso, o principal foco foi na rememoração e reflexão das memórias individuais e coletivas, a fim de se tornarem experiências.

Nesse trabalho estão presentes minhas histórias, memórias e experiências que me constituem enquanto docente de teatro. E por meio da reflexão decorrida durante as

páginas desse trabalho, percebemos a influência dos professores na forma como venho atuando em sala de aula, no grupo de danças no qual sou coordenadora e nas oficinas ministradas junto ao grupo de teatro DACARATAPA.

2- CURIOSIDADE QUE OS CAMINHOS ME LEVARAM

O interesse por pesquisar a formação de professores surgiu nos primeiros anos de curso, onde o desejo era compreender as razões pelas quais nos tornamos professores. Despertava-me o interesse pesquisar o que motivava meus colegas a cursarem Licenciatura em Teatro e perceber, se de alguma forma assemelhavam-se às minhas motivações.

Com o passar do tempo, essa curiosidade transformou-se na busca de compreender as razões que mantinham os professores dando aula nas escolas públicas. Visto que, o número de profissionais que reclama dos maus salários, da carga horária exagerada, da falta de reconhecimento da classe e dos alunos que “não querem nada com nada” é enorme. Então, sempre me questioneei: por que então elas continuam na escola? Mas isso fica para uma pesquisa futura...

Esse ano, o foco da pesquisa voltou a ser em meus colegas e em mim, isso por conhecer temas, até então, desconhecidos, como por exemplo, as pesquisas (auto) biográficas e as experiências de vida como processo formativo. Segundo António Nóvoa, as histórias de vida como *metodologia de pesquisa-formação* é a “metodologia onde a pessoa é, simultaneamente, objecto e sujeito da formação” (NÓVOA, in JOSSO 2010, p 23)

Com esse novo contato, reascendeu o desejo de compreender e estimular a reflexão sobre as razões pelas quais desejamos ser professores, mas agora com o olhar direcionado para as contribuições (ou não) de outros professores em nossa construção docente.

3- EXPERIÊNCIAS FORMADORAS QUE ME CONSTITUEM

Desde pequena queria ser professora, passava algumas tardes ensinando amigos e meu sobrinho o que já havia aprendido na escola. No entanto, meus parentes falavam que essa profissão não tem bom retorno financeiro e que passaria os dias chorando, pois alguns acreditavam que eu era frágil demais para ser professora. Na escola, minhas experiências com sala de aula se resumiam a cuidar das turmas de pré-escola e ajudar os colegas com reforço quando necessário.

A primeira experiência docente foi quando assumi a coordenação do Grupo de Danças Folclóricas Germânicas Immer Lustig¹ (GFGIL), em 2010, o qual coordeno até hoje, atualmente sozinha, mas até pouco tempo contava com o auxílio de um amigo. Nesse grupo danço há mais de dez anos e como coordenadora, aprendi a me ver uma pessoa que tinha potencial para ensinar, deixando de lado a timidez, tal como um ator no palco.

Aprendi a ensinar as danças de forma metódica e uniforme, visto que as danças estão escritas em um livro, gravadas em forma de DVD e devem ser passadas fielmente a esse material didático. Esse padrão é regra e todos os grupos filiados a Associação Cultural Gramado (ACG) devem segui-lo, pois é material vindo de outros países.

Por vezes, após a entrada na Universidade, enfrentei crises entre a minha construção docente em relação a cultura vigente no grupo de danças. Uma cultura que dava total liberdade para os homens e privava as mulheres dos mesmos direitos. Isso porque na Universidade ampliei meus horizontes, conheci o feminismo e seu significado. Também aprendi que devemos dar liberdade para os alunos criarem e que, enquanto professores e atores sociais, precisamos subverter os sistemas e os paradigmas que freiam a liberdade. E para mim, o posicionamento de alguns componentes era opressor lá dentro, de tal forma que me faziam querer desistir do GFGIL.

Com o tempo e a experiência, percebi que era possível subverter tal “sistema” dentro do próprio “sistema”. Minha luta como educadora tomou o foco de amenizar e até eliminar o machismo da instituição. Passei a defender e exigir que os dançarinos parassem com as brincadeiras onde as mulheres eram tratadas como seres inferiores, também com os privilégios dados antes somente aos homens.

¹ O Grupo de danças Folclóricas Germânicas foi fundado em 1984 e tem por objetivo resgatar, preservar e divulgar a cultura germânica através da dança.

Casos assim são realidades encontradas no ambiente escolar e, por isso, essas experiências foram muito válidas para compreender melhor meu lugar de professora e aprender a lidar com “sistemas” e pessoas. Também a lidar com a responsabilidade que é administrar um grupo. E talvez o principal: lá esbocei o meu jeito de ser professora.

Nesse grupo trabalho com duas categorias, a adulta (a partir dos 15 anos, sem limite de idade) e a categoria infanto-juvenil (dos 5 aos 14 anos). Minha maior dificuldade e o maior aprendizado vieram com as crianças. Até assumir o papel de coordenadora da categoria infanto-juvenil, minha experiência com essa faixa etária havia sido apenas no estágio do ensino fundamental, com o sexto ano.

Entretanto, fiz meu estágio supervisionado de docência em teatro III – oficina de teatro na comunidade a qual o grupo de danças pertence. Trabalhei com as crianças, e pude ver que elas gostavam mais de teatro do que da dança. Talvez porque no estágio lhes era dada a liberdade de criar e na dança não. Nas aulas, as crianças criavam juntas e nem brigavam. Durante os ensaios eram frequentes as agressões entre os meninos. Quando acabou o estágio e voltei a trabalhar somente com as danças, houve certa rebeldia das crianças, pois queriam ter, novamente, a liberdade de criação que a dança não permitia.

Demorei meses até perceber que o objetivo da categoria infanto-juvenil e qualquer trabalho feito com crianças, está para além do “conteúdo”. Elas se relacionam muito mais com os colegas pelo brincar e pelos diálogos durante as criações feitas por elas, desenvolvem o senso crítico a partir dessas relações intersujeitos. Com esse aprendizado, os ensaios passaram a ser mais dinâmicos. As brincadeiras, debates e jogos teatrais também foram introduzidos nos ensaios, o que veio a contribuir para a interpretação da dança e melhor relação entre nós.

Foi um desafio estagiar no grupo de danças, pois até pouco tempo, eu dizia não gostar de crianças, não ter jeito com elas e por vezes, isso se confirmou nas aulas a tal ponto que pensei em desistir. Hoje tenho um carinho enorme por elas, e mesmo que em alguns momentos preciso lhes chamar atenção, o diálogo e a escuta de ambos tornou-se mútuo. Posso dizer que aprendi muito com elas, principalmente a ouvi-las.

Acredito que muito da minha vontade de conduzir as aulas de forma a serem divertidas vem da experiência com o GFGIL, pois o mínimo que posso oferecer aos alunos e colegas de dança é a alegria. De certa forma esse é o slogan do grupo, pois traduzindo para o português, *Immer Lustig* significa “sempre alegre” e, mesmo sendo impossível estar o tempo todo nesse estado de alegria, é possível proporcionar aulas que

sejam agradáveis. Minha preocupação é grande em realizar aulas dinâmicas quando teóricas e divertidas quando práticas. Não apenas a diversão pela diversão, sem um cunho pedagógico ou somente para brincar, mas que o aprendizado seja agradável e divertido.



(Apresentação do Grupo Immer Lustig – 30 anos – Categoria Infanto-Juvenil)



(Apresentação do Grupo Immer Lustig – 30 anos – Categoria Adulta Oficial)

*Imagem distorcida para não identificação dos componentes

Outra experiência muito significativa e fundamental para minha formação foi o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID). Esse programa permitiu ter experiência docente antes mesmo de ingressar na escola com os estágios. Com ele, pudemos conhecer melhor a realidade das escolas onde atuamos, nos perceber como professores e assumir uma turma juntamente com um professor.

Para muitos de nós foi a primeira vivência como professores dentro da escola. Foram os primeiros planos de aula, relatórios, alunos, colegas, sala dos professores,

horários a cumprir, problemas escolares para resolver. Para muitos e para mim foi a primeira experiência na docência.



(PIBID Teatro na Escola Érico Veríssimo) *Imagem distorcida para preservar a imagem dos alunos.

Também teve grande importância para minha formação, a oportunidade de dar aula no curso Pré-Vestibular Popular Alternativa². Nele ministrei aulas por dois anos, trabalhando com o teatro na teoria e prática. Foi a primeira turma onde efetivamente fui vista como professora, e até mesmo chamada de “senhora”, forma carinhosa que, por vezes, mostra o respeito do aluno com o professor.

Nessa experiência, pude novamente perceber que para mim, o afeto com os alunos é fundamental para meu processo docente. Para Guiomar que realizou um estudo empírico-analítico sobre a prática docente no estado de São Paulo, nos diz que “quando não se sabe o que fazer, ama-se.” (GUIOMAR apud FONTANA, p 23) E aponta isso como princípio norteador da incompetência docente.

No entanto, discordo da afirmação do pesquisador, pois vemos professores muito bem qualificados e, mesmo assim, afetuosos. Da experiência que tive no cursinho, onde prezava pelo afeto com os alunos, estava bem preparada para as aulas. Acredito que o afeto e a competência não estão separadas.

Pude ainda ter contato com cursos de formação de professores para alimentar minha paixão pela educação e pela luta que travamos por nossos alunos. Foi nele que aprendi e dei significado para aquilo que Paulo Freire chamou de “educação popular” como sendo a

² Curso pré-vestibular que oferece aulas preparatórias para o Vestibular e ENEM de forma gratuita para pessoas de baixa renda.

prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos. É um dos princípios essenciais para a estruturação do círculo de cultura, unidade de ensino que substitui a “escola”, autoritária por estrutura e tradição (WEFFORT, in FREIRE, 1967 p 4).”.

Aprendi fazendo, vivendo, estudando e experimentando com os colegas e alunos como funcionava esse tipo de educação de liberdade, para as classes mais baixas da sociedade e no compartilhamento de saberes constantes entre educandos e educadores. Essas trocas fora da sala de aula e o carinho que criamos dentro dela foram fundamentais para minha construção. No cursinho tivemos a oportunidade de educar para além do ensino formal, nos moldes de ensino bancário³, mas uma educação humanística de mútuo aprendizado.

Nesse cursinho compartilhei esses momentos vividos sempre com colegas. No primeiro ano com uma amiga e do segundo ela seguiu e se juntou a nós mais um amigo, ficando no total de três educadores de teatro. Dividir as aulas entre três foi uma experiência riquíssima que demandou muita escuta e remanejamento constante das aulas e debates sobre nossas práticas.



(Gincana de final de ano com os alunos do Cursinho Pré-Vestibular Popular Alternativa – 2013) *Imagem distorcida para não identificação dos alunos.

Os estágios vivenciados durante os quatro anos de formação acadêmica, contribuíram muito para minha construção docente. Foi por meio deles que pude

³ Ensino no qual o professor o detentor do conhecimento e o aluno é um tábu rasa a espera do conhecimento. Termo utilizado por Paulo Freire, onde ele contrapõe o termo com a educação de liberdade, educação popular.

elaborar aulas da forma como eu queria, levantar os questionamentos do meu jeito e conduzir as aulas sozinhas. No estágio com o ensino fundamental pude perceber a abertura das crianças do sexto ano para a criação e interpretação de histórias criadas por eles. Mas por outro lado, a recusa pelos jogos, pois segundo os alunos, eles não eram mais crianças para brincar.

Foi o Estágio onde não consegui conquistar todos os alunos para realizar a proposta. Um dos alunos era “especial” e não participou de nenhuma atividade. Por vezes me culpei pelo “fracasso” das aulas com esse menino, mas minha orientadora do estágio acalmou-me dizendo que se as professoras que estavam com ele há anos não conseguiam atingi-lo, porque eu conquistá-lo-ia em dez aulas? E foi ao final desse estágio que aprendi que não somos salvadores do planeta e dos alunos, somos educadores dando o nosso melhor para a educação, mas não conseguiremos sempre tocar todos os alunos com o teatro.

Entretanto, foi estágio no ensino médio que me apaixonei pela educação de adolescentes. Na turma onde atuei também haviam aqueles alunos que não faziam as atividades propostas, mas no final do estágio, foram os que mais me surpreenderam. Um deles tinha muita resistência em fazer teatro, em falar comigo e se relacionar com os colegas. Na última aula me surpreendeu com uma carta dizendo coisas emocionantes para mim. No ano depois do estágio, esse mesmo aluno tornou-se um querido nas aulas de outro colega que seguiu trabalhando com a turma, e ao encontrar-me fora da sala de aula falou muito bem das aulas que tivemos e do quanto foi bom para ele fazer teatro. Foi e sensação de dever cumprido ter tocado esse aluno, bem como ter feito um trabalho tão legal com os demais.



(Aula de encerramento do Estágio no Colégio Técnico Industrial de Santa Maria – Estágio no Ensino Médio) * Imagem distorcida pra não identificação dos alunos

Também foi de grande importância formadora, a experiência que tive com o Grupo de Teatro DACARATAPA que é formado por mim e mais dois colegas. Com esse grupo, tive a oportunidade de ministrar oficinas em outras cidades, montar um espetáculo de forma colaborativa entre nós e os alunos do Instituto Federal Farroupilha de São Vicente e ainda, participar do Espetáculo “Balada de um Palhaço” texto de Plínio Marcos, sob direção de Dêivide Millani.

Com esse espetáculo, pude conhecer uma figura chama “Menelão” que era um dono de circo ganancioso interpretado por mim. Por vezes foi difícil fazê-lo, por eu ser mulher e tentar encontrar proximidade com o personagem que me parecia distante da minha personalidade. No entanto, quando eu falava em público, ficava muito nervosa ia logo fazendo piadas, besteiras, deixava cair algo, em fim, uma “palhaça”. Comecei a perceber que esse era o meu “Menelão” e consegui me aproximar mais do personagem em cena.

Isso não refletiu apenas no espetáculo, mas também em sala de aula devido a tomada de consciência de que aquele nervoso tinha um ponto de partida e era controlável. Aproximei-me tanto dessa figura que me reconheci, me afastei dela e só assim, pude aprender a controlá-la. Sim caros leitores um palhaço me ensinou muito sobre mim e sobre o meu *ser* docente. Graças a ele tenho mais domínio sobre minha fala e minha postura em público.



Espectáculo Balada de um Palhaço. Na foto: Josi Soares - Menelão

Trouxe essas experiências porque todas elas me constituem, talvez sejam muitas para um trabalho de conclusão de curso e por isso, não foram percorridas com tantos detalhes. Se fosse falar mais sobre cada uma, tornaria essa pesquisa em uma tese, ou pelo menos algo bem maior que não comporta nesse trabalho. Com essa singela apresentação das minhas experiências, espero que o leitor tenha conhecido um pouco do que é essa pessoa que vos escreve sobre o percurso desenhado de vivências significativas docentes.

4- ITINERÁRIO:

A primeira etapa deste trabalho consistiu na busca por estudiosos que dialogassem com a pesquisa biográfica como um potencial de formação humana e docente. Nesse percurso encontrei professora e pesquisadora Josso (2010) com a proposta de “caminhar para si⁴”, onde, o professor revisita suas próprias experiências de vida e formação, a fim de refletir sobre elas e como isso aparece em sua prática em sala de aula, reconstruindo seu itinerário a fim de compreender o que orientou a caminhada.

A partir desse contato surgiu o desejo de visitar memórias adormecidas de professores que tive e rememorar-las para compreender o itinerário percorrido durante a vida e a formação escolar e acadêmica.

Também foi inserida no trabalho a pesquisa de Maria Helena Menna Barreto Abrahão, a qual se apropria dos ensinamentos de Josso e nos mostra a metodologia (auto) biográfica como um processo formativo:

“as narrativas (auto) biográficas constituem-se de relatos ou registros produzidos por solicitação do pesquisador, com a intencionalidade de (re) construir a memória, pessoal ou coletiva, contextualizando o narrado segundo o período sócio-histórico-cultural em que se inserem os fatos objeto da narração e estabelecendo interação e intercâmbio entre pesquisador e entrevistado, no decorrer do processo de investigação”(ABRAHÃO, 2004b; 2008, in ABRAHÃO 2010).

Percebe-se com isso, que o contato com o entrevistado também se torna uma experiência autoformadora uma vez que revisito minhas memórias e extraio novos dados deixados de lado, por vezes esquecidos na memória. Na escrita ou na conversa, os colaboradores trazem suas histórias de vida e de formação, por vezes parecidas com as minhas e ao compartilhá-las, (re)significo essas memórias, bem como me trago novas memórias de formação minhas a partir das deles.

A segunda parte veio com a elaboração de um memorial⁵ de formação, feito por mim e por meus colegas. Pedi a eles que eles escreverem livremente sobre histórias de professores que lhes marcaram o percurso educacional. Esse método é chamado por Josso de *recordações-referenciais* que se refere as “constitutivas das narrativas de

⁴ Aproprio-me do termo utilizado por Marie- Christine Josso no que se refere à pesquisa-formação a partir das nossas próprias experiências de vida. Onde o viajante desse caminho vai “ao encontro de si à descoberta e à compreensão de que a viagem e viajante são apenas um.” (Josso, 2010, p84)

⁵ Refiro-me a escrita da rememoração com reflexão sobre as histórias de vida e formação propostas por Abrahão com caráter formativo e transformador.

formação” (JOSSO, 2002, p. 31 apud ABRAHÃO, p. 168). Pedi ainda para justificarem as razões pelas quais escolheram falar desses professores.

Também solicitei a escrita sobre o que era “*ser professor*” na opinião deles. Nenhum dos colaboradores conseguiu responder tal pergunta, e os argumentos foram de que é muito difícil limitar o *ser professor* em algumas palavras. Para eles, essa figura é um conjunto de seres que ao ser colocado uma única definição perderia a poética e não contemplaria todo o *ser*. Concordo com meus colegas, pois um resumo do significado desse ser, deixa de lado as tantas outras significações que ainda lhe cabem.

O trabalho das interpretações dos memoriais desses colegas foi feito por mim, de forma a lidar com as subjetividades de cada um deles e com a minha. Nesse sentido, as histórias de vida como elemento de formação acabam sendo uma pesquisa que, segundo Josso 2010, reposiciona o pesquisador, mobiliza a subjetividade dos participantes, bem como a intersubjetividade por meio do trabalho interpretativo e da construção de sentido para os narradores.

Acredito que por sermos tão próximos, e termos tantas nossas subjetividades compartilhadas, elas tornam mais claras para serem interpretadas e compreendidas e assim fica melhor visualizar os professores que se fazem presentes nas memórias, nos corpos e nas relações de meus colegas com seus alunos e com a educação.

Lidar com a memória é tocar em um lugar delicado e cheio de dúvidas, o que torna a pesquisa, por vezes, complicada e incerta. Pois ao estimular a rememoração de momentos passados, lidamos com a seletividade da memória e com as reconstruções da mesma na narrativa dos fatos, pois a memória é ativa, em constante ressignificação e seletiva. Para Abrahão,

“A seletividade e a reconstrutividade que compõem a natureza da memória podem ser pensadas em relação ao esquecimento, pois o ressignificar dos fatos narrados nos indica que, ao trabalharmos com memória, estamos conscientes de que tentamos capturar o fato, sabendo-o reconstruído por uma memória seletiva, intencional ou não, do sujeito que se objetiva” (ABRAHÃO, 2011, p 167).

Ainda que seja uma pesquisa com base na memória e nas incertezas de tal elemento, o memorial contribuiu muito para visualizar a forma como se deu a nossa construção docente. É possível fazer relações do material escrito sobre outros professores, com a prática que conheço de meus colegas.

Essa pesquisa não diz respeito simplesmente ao investigar o outro, mas também me rever e refletir sobre minhas memórias de formação. Por isso, também sou sujeito da

pesquisa, coloco-me narradora e elaboradora do próprio material, “ser realmente o sujeito da narração (embora dela também seja objeto), consciente de que a reflexão empreendida é elemento *sine qua non* para a compreensão da própria formação.” (ABRAHÃO, 2011, p 166)

Segundo Finger e Nóvoa, o método autobiográfico proporciona refletir sobre o seu próprio processo de formação e tomar consciência das estratégias, dos espaços e dos momentos que para ele [o pesquisador] são formadores ao longo de sua vida (Nóvoa e Finger 1988, p11, in *Imagens de Professor* p 95). Como disse o autor, me proponho não apenas estudar a formação e as histórias de vida dos meus colegas, mas me colocar como sujeito aprendente no meu processo de vida e formação, por meio de revisitar minhas memórias.

. Passaremos agora a viajar pelos caminhos da memória e das lembranças de professores. Nessa viagem convido o leitor a também rememorar os professores que teve durante a vida escolar e/ou acadêmica e pensar o que deles ainda ficou presente na memória. Assim perceber que talvez alguns se assemelhem aos que vos apresento, mas outros podem ser completamente diferentes. Afinal, o que nos marca é diferente e varia de professor para professor. O que é inegável é que lembramos.

5- ME VI, TE VI, NOS VI, ME (RE)VI – MEMORIAIS

Começo então a descrever algumas características das quais me lembro de alguns professores que foram especiais na minha época de escola. Alguns professores marcaram bastante por pontos que em certos momentos são comuns com fatos que vejo presentes em mim no trabalho dentro da sala de aula. Característica essa como, por exemplo, o carinho e respeito de professores para com os alunos e que por vezes me pego sendo assim. Marcaram-me por pontos positivos e outros por via negativa, mas esses também me constituem enquanto processo de aprendizagem.

Lembro que adorava a professora da pré-escola. Ela era muito carinhosa, sorridente, nos abraçava e tratava com muito amor. Tinha um cabelo loiro, curtinho, sempre com bastante gel, sempre bem arrumada. Ela gostava de mim, e eu dela. Gostava dela porque era carinhosa, cuidava de mim quando as outras crianças me batiam, rasgavam meus trabalhos. Não lembro muito de brincadeiras com os colegas, mas lembro de recreios na pracinha da escola em que eu ficava perto dela.

Não tenho muitas lembranças da primeira série, da professora lembro o nome, o rosto, os gritos, que particularmente, eu detestava. Quando lembro da primeira série, me vem a memória o primeiro dia de aula quando um colega meu cravou o lápis no menino do seu lado e a professora disse que primeira série não era lugar de criança e a sua postura havia sido infantil. Ela o fez voltar para a pré-escola.

Já da professora da segunda série consigo lembrar até hoje. Encantava-me naquela professora sua dedicação, a vontade de ajudar os alunos. Nesse ano fui colega de uma menina desfavorecida de dinheiro, não tomava banho e estava sempre com piolhos. A professora deu roupas, escova de dente, aconselhava e ajudava ela no que podia.

Naquela época, eu acreditava que ela era boa professora por ser amiga, ensinar bem e “puxar as orelhas” quando precisava. Hoje percebo que mais do que tudo isso, era a preocupação dela com os alunos, a dedicação para ajudar aqueles alunos mais vulneráveis e lutar para que eles não saíssem da escola que encantava-me nela.

Na terceira série a professora era mais rígida e exigia muita disciplina. Tinham certas atitudes que me faziam não gostar tanto dela. Exemplo disso era quando ela nos fazia ir ao quadro escrever os exercícios e nos corrigia na frente de toda a turma. Por

vezes ficava com vergonha e não queria participar. Mas dela, eu gostava da sua autoridade com a turma, do “pulso firme” com os alunos.

Hoje em dia percebo que não tenho tanta firmeza em conduzir as aulas como ela, principalmente com crianças, gostaria de ter. E talvez isso seja uma das suas características admiráveis e que não vejo tanto em mim. Ela se tornou diretora da escola quando era minha professora e nesse cargo está há 15 anos. Nesse ano de 2014 estive na minha escola (de ensino fundamental) e foi emocionante rever a escola como está. Muito organizada e com trabalhos muito bons de incentivo aos alunos. Sei que quero ser assim, uma eterna “vassoura nova⁶” como ela sempre foi.

Os outros professores que me marcaram tinham em comum o carinho com os alunos, a dedicação em ensinar, de trazer para nós propostas pertencentes ao nosso cotidiano e que faziam sentido. Eram professores que tentavam inovar, tratavam os alunos com respeito, exigiam respeito dos mesmos.

Há uns dois anos, encontrei minha professora de História da oitava série. Ela reconheceu-me, lembrou meu nome, lhe falei que estava cursando Licenciatura em Teatro. Ela disse que era a minha cara, e se emocionou quando eu disse que tentei fazer faculdade de História porque gostava muito dela e das suas aulas. Esse relato não me emociona apenas por gostar dessa professora, mas por almejar ser uma professora como ela, que reconhece seus alunos após anos e ainda se lembra dos mesmos.

Normalmente os meus professores preferidos eram os de História, e por isso queria ser professora de tal disciplina. Queria mostrar o como ela é interessante, mostrar de formas criativas a importância dela no nosso dia a dia. Não passei no processo seletivo para ingressar para cursar essa graduação.

Acabei “caindo de paraquedas” no teatro e me apaixonei. Percebi que com ele poderia ser a professora “mais legal desse mundo”. Entrei pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), nas vagas remanescentes. Conheci logo no primeiro semestre dois professores que me encantaram. Um deles foi o Daniel Reis Plá, na disciplina de Evolução do Teatro I. Reascendeu minha paixão pela história, ele me cativou por ter muito domínio do conteúdo. Fazia *links* encantadores e, por isso, conseguiu me conquistar na teoria teatral – tragédia e comédia gregas.

⁶ Refiro-me ao ditado popular que diz “vassoura nova varre bem”, por vezes associado por professoras mais antigas encontradas em nossos estágios à empolgação dos acadêmicos quando chegam para dar aula nas escolas.

Mas quem realmente fez eu me apaixonar pelo teatro e pelas possibilidades de descoberta da minha poética foi o professor Amauri Araújo Antunes. Muito do que acredito na linguagem teatral vem das ideias dele. Ele trazia um sorriso, uma leveza, uma energia sempre positiva e sabedoria que envolvia qualquer um na turma. Os olhos dele pareciam duas fogueiras brilhantes incendiando aqueles que os olhavam, com o amor por ser professor. Ele conseguia despertar a vontade de nos esforçar cada vez mais, sermos o melhor naquilo que fazíamos. Tudo isso era inspirador. Ele era dedicado, suas aulas eram sempre recheadas de muito sentido para a disciplina e para a vida. A teoria dialogava com a prática. Ele conseguia acender uma chama de desejo pela pesquisa, pela descoberta, pela nossa defesa daquilo que acreditávamos.

Depois dele veio o André Rosa. Um ser humano sem igual, irreverente, despojado, inovador, artista. Ele trazia sempre uma energia muito boa. A vida ficava mais leve com sua presença. Seus trabalhos inspiravam a nos posicionarmos como artistas e seres políticos nesse mundo. Nos trazia a vontade de mostrar o que estava nos incomodando e em como transpor isso para a cena. Acredito que essa energia, esse pique, o pensar e fazer artístico/pedagógico do teatro e a necessidade de falar o que incomoda em nós mesmos e na sociedade foram as características que mais ficaram dele na minha construção do pensar docente.

Também teve a professora Silvia Pavão, de Psicologia da Educação. Suas aulas eram uma sala de terapia. Cada um de nossos colegas falavam um pouco sobre suas aflições com o primeiro semestre, entre outros problemas que surgiam em nossa turma. E ela nos ouvia com muita atenção, dava conselhos e se importava com cada um de uma forma especial.

De forma positiva, a orientadora desse trabalho é uma pessoa que marcou minha formação. Marcou com seu humor, sua sensibilidade e dedicação. Marcou com os textos muito bem indicados e pela surpresa positiva que foi descobrir o quanto ela é aberta para o novo. Marcou, pois mostrou opiniões fortes e que trazem pontos de vista diferentes.

Sou uma pessoa que gosta de ir a vários lugares e estudar diferentes assuntos. Assim conheci muitos professores que não são diretamente ligados ao teatro, mas sim a educação. Numa dessas andanças conheci como professor o Lutiere, durante a disciplina de Arte e Educação no curso de Artes Visuais e lá pude ver o professor exemplar que é. Seus debates giravam em torno da arte, educação e gênero. Trazia para as aulas muitos referenciais atuais de pesquisadores em educação, promovia debates e exigia que

tivéssemos argumentos para defendermos nossos pontos de vista. Acredito que isso tudo é fundamental para nos afirmarmos e melhor nos construirmos como seres docentes.

Também me marcou muito a professora Valeska Fortes de Oliveira do Centro de Educação. Ela trazia para aula filmes, debates e opiniões muito fortes sobre a educação, sobre a linguagem cinematográfica e, principalmente, sobre o que é ser um professor e suas responsabilidades enquanto formadores de pensamento dos alunos e da sociedade.

Por último, mas não menos importante, tem a Raquel Guerra. Guerra de guerreira, guerra de lutadora, guerra de brigona, guerra de lutar. Lutar pelo que acreditamos e por nossos ideais. Lutar pelos alunos e pelo teatro. É difícil falar dela sem ter empolgação e brilho no olhar, pois sua energia empolga e contagia os que estão a sua volta. Para ela não existe tempo ruim. Está sempre em atividade, sempre correndo e se doando por aquilo que acredita: o teatro. O amor dela é contagiante. A alegria dela não existe igual. De vez em quando fica brava, explode, chora, pois é um ser humano e não é feita de ferro. Sou fã, sou devota e “quando crescer” quero ser, pelo menos, metade da mulher batalhadora que ela é.

Assumo essa escrita afetuosa e próxima de mim no que diz respeito aos professores que permeiam minha formação dentro da academia, pois eles estavam sempre instigando nossa escrita de forma honesta. Não há outra forma de descrever tal carinho, respeito e admiração sem parecer piegas ou romântica. Optei por citar o nome dos professores que pertencem ou já pertenceram a Universidade Federal de Santa Maria, nos Cursos de Licenciatura em Teatro e Artes Cênicas – Bacharelado, e os demais cursos, para homenageá-los.

Gostaria que os leitores soubessem que os professores citados colaboraram muito para a formação dessa futura docente de teatro, que toda a dedicação com que sempre se empenharam à educação e ao teatro são espelhos nos quais quero me ver. Nomeio-os, pois gostaria que cada licenciando em teatro ao ouvir esses nomes tenha respeito e desejo de conhecer tais figuras.

De certa forma, percebo que diferentes professores me constituem e isso faz com que eu possua um autoajuste com os alunos. Percebo, hoje em dia, que com os alunos menores quero ser a amigona, a protetora, a divertida. Para o Ensino Médio quero ser a professora divertida, amiga e que sabe muito bem o conteúdo, trazendo sempre referências que fazem sentido e despertem o desejo e interesse dos alunos de pelas propostas. Com meus colegas professores quero ter muita experiência e poder debater, ter argumentos e me posicionar. Entendo que meu amor pela educação aumentou

durante esses quatro anos. Meus anseios de “mudar o mundo” são maiores, pois acredito que é possível.

Pela via negativa, alguns professores me mostraram o profissional que não gostaria de ser. Não gostaria de ser aquele professor despreparado para a aula, precisando abrir o *Google* para pesquisar em *sites* o conteúdo da aula. Também não quero ser aquele professor que faz as aulas monótonas com a voz quase silenciosa e impossível de compreender, dando sono nos alunos. Não quero ser aquela professora que toma certas verdades como as únicas e nem se quer para e se questiona se existe outra verdade ou ponto de vista além dos seus.

No meu memorial, é notável o destaque para as relações afetuosas e laços de amizade, carinho, respeito na relação aluno-professor, e a dedicação desses à profissão docente. Percebemos também que essa relação se faz presente quando assumo o papel de professora, ou seja, as relações mais marcantes são aquelas que busco realizar em sala de aula. Concluo que não existe apenas um professor que compõe minha construção docente, mas um emaranhado de características positivas e negativas desses homens e mulheres dos quais fui aluna e que hoje me constituem como *ser*.

Início agora com os memoriais de formação dos colaboradores da pesquisa, com suas “biografias educativas” (DOMINICÉ, 1982, 1984; JOSSO 1986 in JOSSO 2010) que são as “recordações consideradas pelos narradores como ‘experiências’ significativas das suas aprendizagens (...)” (JOSSO, 2010, p 47).

Biografias essas, que estão escritas na forma de memoriais compostos por *recordações-referências*, que são as “recordações relatadas numa narrativa de formação são, ou podem vir a ser a ser, experiências formadoras” (Josso, 2010, p 37). Focadas na rememoração de professores e as razões pelas quais meus colegas os mantêm na memória.

Os materiais na íntegra estão disponíveis em anexo, procurei ser fiel ao que está escrito, apenas retirei fragmentos onde percebi semelhança com a prática em sala de aula dos meus colegas. Não alterei sentido das frases e nem deixo omissas as informações sobre os professores presentes nos memoriais. Peço que o leitor ou a leitora leia os memoriais completos, pois estão repletos de afeto.

5.1- FRIDA:

Trago agora a análise do memorial de número 1, para não revelar o nome real da colaboradora adotei o nome de *Frida*⁷. As memórias de professores presentes em seu memorial estão associadas a momentos positivos, como por exemplo, sua professora da primeira série que a ensinou a ler e escrever. Apresentou o mundo das letras e da leitura. Nele é possível perceber nas entrelinhas que características marcantes dos professores dizem respeito ao afeto com que as professoras lhe ensinavam.

Quando ela se refere à professora citada, diz: “Não encontro uma explicação racional que seja o motivo do meu apreço por ela, talvez seja por que ela me ensinou a ler e a escrever e isso foi algo muito significativo na minha vida, não foi apenas uma alfabetização, foi uma apresentação de mundos” (*Frida*, M.1). Com isso, ela nos mostra que o fato de ter aprendido a ler com sua professora marcou de tal forma que está para além do racional e lógico.

A admiração pela relação de afeto com o professor também se faz presente quando ela se refere à outra professora já falecida. Ao reler o que sua professora Ivani escreveu em seu caderno de recados, um poema muito lindo, *Frida* se emociona e comenta “Não requer mais comentários... Esta é a relação de professor e aluno que eu acredito.” (*Frida*, M 1). Relação que está para além de um bilhete, mas marca pelo carinho e atenção com que a professora escreveu. Marca para a relação além da sala de aula, para além de uma aluna, para uma pessoa querida.

Outro ponto perceptivo no memorial de *Frida* aparece quando ela nos fala da liberdade dada pelos professores para a criação dentro das disciplinas. Onde ela, na maioria das vezes, via a oportunidade de fazer teatro. Fala-nos, também, sobre o professor de educação artística como alguém que “tinha propostas interessantes” (*Frida*, M 1) nas artes visuais e na música, mas não contemplava o teatro.

Com esse relato é possível perceber que além da relação afetuosa na relação professor e aluno, ela admira o professor que traz propostas criativas para desenvolver o conteúdo ou o tema a ser tratado na aula. Bem como os que oportunizam a liberdade criativa dos alunos ficaram guardados na sua memória.

⁷ Opto por colocar esse nome na colaboradora do memorial de número um, pois conhecendo o percurso dela e sua admiração pela biografia da pintora Frida Khalo, acredito que seja o mais apropriado para a colaboradora.

Atualmente *Frida* é formanda do curso de Licenciatura em Teatro, possui diversas experiências no palco, na sala de aula e em oficinas nas quais pude estar presente. Ela afirma não saber onde nasceu a paixão pelo teatro, mas que foi no atual curso que conheceu professores que lhe inspiram e a motivam como “modelo”.

Os professores relatados por ela, que entrecruzaram seu caminho durante os quatro anos de graduação, trazem consigo o amor e a dedicação à profissão de artista/docente. Nos mostra esses professores como pessoas que não medem esforços para defender seus ideais, reforça ainda que eles têm “Dedicação e entrega total ao teatro, coisas que espero estar aprendendo direitinho” (*Frida* M 1).

Com esse memorial de *Frida*, conseguimos perceber a presença pontual de professores em seu processo formativo. Esses estão associados à dedicação para elaboração das aulas, relação horizontal entre o professor e o aluno e a afetividade entre eles. Ela reforça ainda que um dia ela também possa ser uma professora marcante na vida e na educação dos seus alunos para “além dos muros da escola” (*Frida*,M. 1). E isso se reflete em sua prática, pois *Frida* procura sempre estar bem preparada para conduzir suas aulas, procura relacionar-se de forma horizontal com seus alunos, dando a liberdade necessária para a criação teatral e estimula constantes reflexões dessas práticas para que elas façam sentido na vida do educando e não apenas na escola.

Quando perguntado se ela acredita que esses professores foram importantes para sua escolha por Licenciatura, sua resposta é afirmativa e nos traz novamente a imagem da professora Ivani e das suas atividades que despertavam o interesse dos alunos. Reforça que se não tivesse tanta paixão pelo Teatro teria cursado Português, tamanha a admiração pela professora (*Frida*, M. 1).

5.2- ALICE

O memorial de número 2, foi o de *Alice*⁸. No dela, é interessante perceber que os professores que ficaram em sua memória trazem a exigência em primeiro plano. Mas aquela exigência que aprendemos a dar valor com o tempo. Aquela que por vezes é até chata, mas é fundamental para o desenvolvimento da organização dos alunos.

É interessante perceber que ela e *Frida* trouxeram a professora da primeira série como uma figura marcante, principalmente pelo fato de ter lhes ensinado a ler e

⁸ Escolhi nomear minha colaboradora com esse nome, pois considero-a uma pessoas que compõe seu mundo de uma forma poética e cheia de fantasias, tal como Alice.

escrever “Embora tenha sido com minha mãe que conheci as letras, foi com ela que aprendi a transformá-las em palavras” (*Alice*, M 2). Essa professora, assim como a de *Frida*, lhe apresentou o mundo encantador oferecido pelas palavras.

Mas a característica mais marcante nos professores de *Alice*, estão associadas a exigência, o foco e a disciplina para com a aprendizagem e o cumprimento das “regras” que são acordadas entre professor e aluno. Quando se refere a professora da segunda série, diz “Ela era mais séria, mas igualmente exigente. Com ela aprendi a tabuada, e quase pensei em gostar de matemática”(Alice, M 2). Talvez pela forma e exigência em decorar, talvez houvesse uma forma especial com que essa professora ensinou, talvez a própria exigência tenha marcado de forma negativa, mas ficou na memória, talvez tudo isso que fez ela “quase gostar” da matéria, enfim, são apenas questionamentos.

Percebe-se que, além da exigência do professor com o aluno quando fala daquela que era “muito exigente, séria e intolerante com atrasos na entrega de atividades e trabalhos” (*Alice*, M 2), marcou também a memória de *Alice*, a exigência do professor consigo mesmo, visto que ele deve ter domínio do conteúdo e paixão pelo que faz “encantava-me a convicção da professora e a paixão que ela tinha pelos conteúdos”(Alice, M. 2).

Assim como nos relatos de *Frida*, está presente no memorial de *Alice* a figura do professor de Artes. Em ambos os casos, o apreço não era tanto pela disciplina ou pelo professor, mas por algo presente na prática docente. No caso de *Frida*, pela “liberdade criativa” proposta pelo professor. E no de *Alice* pelo debate sobre a prática artística da sua professora.

Ainda sobre a professora de Artes, *Alice* relata em seu memorial que as aulas em si, não traziam a liberdade para poder desenhar, pois a professora queria o desenho dentro dos padrões realistas e simétrico e isso, incomodava *Alice*. Contudo, “Ela foi a única professora que me apoiou e ficou feliz com a notícia de que eu havia me inscrito no vestibular para o curso de Artes Cênicas. Também foi a única professora da escola que veio até Santa Maria para me assistir em cena.” (*Alice* M 2). Ainda afirma: “Ela me é paradoxalmente marcante como exemplo da professora que não quero ser, e da artista em que desejo me tornar.”(Alice, M. 2).

Com essa afirmação é possível perceber que não foi pela prática docente que a professora ficou marcada na memória de *Alice*, pelo contrário, a docência foi a via negativa, e por isso se faz presente. Pelo fato da professora não levar em conta a

subjetividade dos seus desenhos. No entanto, ela se destacou no memorial pelas conversas fora da sala de aula, onde mostrava seu conhecimento artístico.

Chegando à faculdade, *Alice* cita professores que lhe marcaram, tanto no curso de Bacharelado em Artes Cênicas, no qual já é formada, quanto na Licenciatura em Teatro. Nomeia-os com o termo “monstros sagrados” e nos faz perceber que a sua admiração é, principalmente, ligada a atuação dos professores nos palcos e em sala de aula. Para eles, dedicou um capítulo do seu TCC, pois “Foram eles os exemplos mais concretos de artistas-professores em que desejo me espelhar. Cada um com sua especificidade, mas todos com semelhante respeito e paixão pelo título de atores.” (*Alice*, M 2).

Nesse memorial, podemos perceber que o mais marcante dos “ensinamentos” dos professores foram para ela “ter foco e disciplina para conseguir concretizar o que meu coração ama e minha mente deseja, e ter a coragem de perseguir os meus sonhos” (*Alice*, M. 2). E isso é notável que se repete em sala de aula, tanto como aluna, como docente de Teatro. Sua dedicação e exigência para consigo faz com que ela se doe a prática docente e exija dos alunos a seriedade necessária para a linguagem teatral, sempre prezando pela liberdade criativa dos seus alunos.

5.3- JÔÃO DE BARROS

No memorial de número 3, de *Jôão de Barros*⁹ é perceptivo que a relação professor - aluno está para além da sala de aula. As experiências que ele relata em seu memorial mostram os professores que lhe marcaram tinham uma preocupação muito grande com seus alunos. Nesse arquivo, ele relata professores que o ajudaram em momentos de dificuldade e que de certa forma, são influencia para atitudes que nos dias de hoje ele toma.

Nessa narrativa de formação, *Jôão de Barros* nos conta como aprendeu que seu nome é diferente dos demais “Joãos”, pois se escreve “assim mesmo que se escreve com um chapeuzinho [...] e não [...] como de costume. Sei disso por causa da minha professora da terceira série [...] lembro-me dela dizendo como eu estava escrevendo meu nome errado, e isso já na terceira série do ensino fundamental” (*Jôão de Barros* M.

⁹ Opto por dar esse nome ao colaborador, por sua admiração ao poeta Manoel de Barros, no entanto transformo para Jôão, com a escrita errada, para associar ao seu nome real que é escrito diferente dos nomes como o seu, e porque para ele, esse nome tem um significado especial.

3). Apresenta-nos o contrário das memórias das meninas, que trouxeram à escrita suas professoras alfabetizadoras, ele nos conta da professora que lhe corrigiu seu próprio nome.

Também nos fala de um professor de Educação Física que lhe marcou, principalmente porque gostava de jogar futebol e que seus maiores anseios eram relacionados a competições desse esporte. Talvez esse professor se fez presente no memorial pelo apreço do aluno com o esporte, ou talvez pela forma como eram as aulas, visto que futebol é jogo, e jogo é algo que nos permite liberdade e espontaneidade.

Já na sétima série, *Jôão de Barros* nos conta da separação de seus pais e do rumo que isso dá à sua vida e seus estudos. Talvez até mesmo para o seu entendimento sobre a educação. Conta-nos da sua saída de uma das escolas onde estudou e também das frequentes faltas em sua nova escola, onde conheceu a professora de Teatro “ela botava os colchonetes e uma musica e hoje reconheço que aquilo era eutonía, mas o que eu mais gostava é que eu podia dormir um bom pedaço da manhã e entrava em um estado de relaxamento muito bom, esperava a semana para ir nessa aula, uma das poucas que eu ia.” (*Jôão de Barros*, M. 3)

No mesmo ano, *Jôão de Barros* relata que, sem querer quebrou o braço da professora de Inglês quando chutou a porta sem saber que ela estava ali, e “por esse fato nunca mais fiz inglês como língua estrangeira”. (*Jôão de Barros*, M. 3). Podemos ver que o fato de ter quebrado o braço de sua professora o fez fugir disso, talvez por culpa, talvez arrependimento. Mas depois desse fato ele não quis mais ir para a escola e reprovou de ano.

Nos conta ainda como um professor lhe ofereceu a oportunidade de voltar à escola e deixar de vender jornal para jogar futebol e estudar. “[...] ele queria fazer um time competitivo, a noite, em um programa que tinha recém aberto que chamava EJA, eu não estava estudando era começo do ano, na verdade hoje percebo que era mais para eu voltar a estudar, do que para jogar futebol, bom eu achei uma ideia boa, podia recuperar o ano perdido e ainda jogar futebol” (*Jôão de Barros*, M. 3).

Ele relata que esse diretor tornou-se seu amigo e que quando saiu de casa ele lhe ajudou conseguindo emprego numa purificadora de água com a condição que voltasse a estudar. Como não perceber o papel desse professor em sua vida? Não há. Ele lhe estendeu a mão quando precisou, e para ter ido até o professor pedir ajuda, este deve lhe ter passado muita confiança e amizade.

Depois desse fato, *Jôão de Barros* nos conta que sua vida melhorou, que se tornou presidente do Grêmio Estudantil nos três anos de ensino médio. Ao final do memorial, ainda nos apresenta a experiência vivida com uma aluna que saiu da escola onde dá aula. Ele mesmo foi até a casa dela e levou cartas dos colegas para a menina, tentando trazê-la de volta para a escola. E percebeu que fez isso porque um dia, um professor fez muito parecido com ele. E diz: “ficava pensando o porquê eu não consegui desistir dela...agora após esse relato consigo entender um pouco” (*Jôão de Barros*, M. 3).

Antes mesmo de eu fazer a interpretação ou reflexão sobre o memorial 3, o colaborador o fez. Percebeu que a preocupação que seu professor teve em sua época de estudante se repetiu agora com ele no papel de docente, e sua atitude foi similar ao do seu professor. Talvez sua atuação no caso dessa aluna não tenha sido consciente e nem mesmo relacionou com a prática do seu professor, mas ao fazer o memorial, ele pode tomar consciência disso.

Um dos memoriais que mais me tocou foi esse. Ele vem carregado de experiências de uma pessoa que enfrentou diferentes adversidades da vida, mas que teve a mão de um professor para lhe ajuda. Na sua prática isso aparece muito, *Jôão de Barros* tem uma sensibilidade muito grande com seus alunos. Por vezes o vejo pesquisando formas de inovar suas aulas, vejo a preocupação com o bem estar dos seus alunos e, depois de ler seu memorial, ficou muito claro que o professor ao qual se referiu está constantemente presente em sua prática pedagógica, mesmo que de maneira inconsciente.

Também me emociona esse memorial, pelo fato, do colaborador possuir mais experiências em sala de aula do que eu e as meninas e enfrentar o dia a dia de uma sala de aula, de ver as dificuldades que seus alunos enfrentam e que segundo ele, vem o deixando doente e ainda ser forte. Emociona-me, pois sei de sua dedicação em seus trabalhos e com seus alunos, e isso é inspirador.

6- DOS COLEGAS ESCOLHIDOS:

Os colegas foram escolhidos não só pela amizade que temos, mas para, além disso. Escolhi os três por acreditar que suas práticas e pesquisas constantes sobre a educação se aproximam das minhas. Acredito que a dedicação e responsabilidade deles para com os alunos, são dignos de admiração e suas formações são parecidas com a minha.

Dois desses colegas estão ao meu lado nesse (per)curso desde que iniciamos, em 2011. E nesses anos cresceu a amizade, mudaram as convicções, dúvidas e certezas foram se transformando e surgindo novos questionamentos. No meio do caminho encontramos *Alice*, que se agregou a esse pensamento, de tal forma que parece que estamos juntos desde o começo do curso.

Muito do pensamento e postura que tenho com relação a educação se formou em diálogos, pesquisas e debates com esses colegas. Nossas crenças da relação professor-aluno-escola se construíram em coletivo. Fizemos quase todas as disciplinas juntos e muitas dessas eram a oportunidade para compartilharmos nossas ideias que foram se aproximando cada vez mais nesses quatro anos.

7- FINAL DO PERCURSO?

A pesquisa que objetivava inicialmente conhecer o modelo de “bom professor” para meus colegas transformou-se, e o interesse foi em perceber o perfil dos professores gravados na memória dos colaboradores e na minha. Pretendia também perceber se esses professores apareciam em nossas práticas em sala de aula, mas isso acabou ficando subjetivo.

Essa subjetividade foi interpretada por mim, da forma mais sincera e honesta possível, utilizando o que eu conheço dos meus colegas em suas práticas docente, bem como, pela leitura dos memoriais. Esses eram para serem realizados em forma de escrita e por meio de entrevistas. No entanto, as entrevistas não se realizaram, por falta de tempo, oportunidade e encontros que não marquei com os colegas. A ferramenta usada para a comunicação foi o *Facebook* e a internet de forma geral, pois esses meios nos dão acesso mais rápido às pessoas que precisamos contatar.

Ao final dessa pesquisa, fica ainda a vontade de pesquisar mais a fundo sobre o perfil dos professores quem marcam ou marcaram a construção docente dos meus colegas. Mas, para além disso, surgiu o desejo de investigar mais as contribuições dos estágios, do PIBID e das relações entre a teoria e a prática nesses lugares. Infelizmente, o tempo foi pouco para aprofundar nisso e o foco desse trabalho não tomou esse rumo para a investigação das biografias. Já no meu caso, procurei trazer o maior número de experiências formativas e referenciais de professores para entender melhor quem sou como *ser* docente e quem contribuiu para essa construção.

O processo de tomada de consciência do percurso formativo dentro do curso e dos resquícios deixados por nossos professores, é uma das tantas partes importantes para o processo de formação de professores. São elementos importantes para a construção do ser docente, mas não é a única forma e nem se esgota o processo em um trabalho de final de curso, mas sim “ É um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos [...] na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural” (JOSSO, 2010, p 85).

Por isso, se finda essa etapa, mas a nossa formação e autoformação segue para além da Universidade, adentra a nossa vida por todos os anos que estivermos em uma

sala de aula, ministrando oficinas e repensando e refletindo sobre nossas práticas docentes.

8- BIBLIOGRAFIA

JOSSO, Marrie- Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Ed.: Paulus. Natal, 2010

POLON, S. A. M. As histórias de vida na formação de professores in.: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, III ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA. **Anais eletrônicos...**Paraná, PUCPR 2009. Disponível em http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2537_1119.pdf. Acesso em: 11 jun. 2014

. OLIVEIRA, Valeska Fortes de. **Imagens de Professores: Significações do trabalho Docente**. Artigo disponível em : http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/1998/Formacao_de_Professores/Trabalho/03_54_42_IMAGENS_DE_PROFESSOR_SIGNIFICACOES_DO_TRABALHO_DOCENTE.pdf acessado em:11 jun, 2014

OLIVEIRA Valeska Fortes: **Imagens de Professores: Significações do Trabalho Docente**. Ed.:UNIJUI, Ijuí, 2000.

FREIRE, Paulo: **Educação como Prática de Liberdade**. Ed: Paz e Terra , Rio de Janeiro, 1967. Disponível em http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/livro_freire_educacao_pratica_liberdade.pdf acessado em 15/11/2014

FONTANA, Roseli A. Cação: **Como Nos Tornamos Professoras?**. Ed.: Autêntica, Belo Horizonte 2005.

ABRAHÃO Maria Helena Menna Barreto. **Narrativas (auto) biográficas de formação e o entrelaçamento com a autorregulação da aprendizagem**. In ABRAHÃO Maria Helena Menna Barreto (Org.). (Auto) Biografia e Formação Humana Ed.: UDUFRN, EDIPUCRS, PAULUS p. 191-216

ABRAHÃO Maria Helena Menna Barreto. **Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças / recordações referências para a pedagogia em formação**. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/faced/article/view/8708/6353> acessado em 30 set. 2014.

ANEXOS¹⁰:

MEMORIAL Nº 1 – *FRIDA*

Memorial

Lembro claramente do rosto dela, professora Nilza, a profe da 1ª série. Acredito que me tornei colorada porque ela era. Não encontro uma explicação racional que seja o motivo do meu apreço por ela, talvez seja por que ela me ensinou a ler e a escrever e isso foi algo muito significativo na minha vida, não foi apenas uma alfabetização, foi uma apresentação de mundos... O mundo das letras, o mundo dos poemas, o mundo do saber, da escola, da educação e tantos outros que descubro a cada dia, pelo simples fato de ler e escrever.

Ler e escrever... Ela era professora de Português. Ivani Maria Assmann Elert, nome extenso e de peso, para uma grande pessoa! Emociono-me ao falar dela, é difícil... Ela já se foi, cedo demais, jovem demais. As lágrimas são inevitáveis, elas carregam uma admiração e um carinho enorme. Que ela me inspirou, tenho certeza! E como lamento não poder dizer isso a ela...

As palavras somem, não consigo escrever mais nada... Uma pausa, por favor.

Três dias depois, retomo a escrita. Hoje resgatei o caderno da 1ª série e um caderno de recordações. Nos dois, as provas do que eu trazia comigo sobre as duas professoras...

Profe Nilza, no primeiro dia de aula da 1ª série, dá uma folha mimeografada, com o texto:

“Você está aqui para construir o seu mundo da leitura e da escrita. Dirija o barco! Vá... Navegue... Descubra... Estou com você nesta aventura. Faremos uma linda viagem. Com muito amor, professora Nilza.” – é incrível como o texto vai ao encontro do significado simbólico que ela tem na minha vida. Mas, nada é por acaso.

Eis que ao ler o que a profe Ivani escreveu no meu caderno de recordações:

“(...) Quando chegar um dia, a realidade, desses tempos que nunca voltarão, o teu álbum será uma saudade desses dias felizes que se vão. E tantas vezes, tu te recordarás desses momentos vividos em emoções, cheios de sonhos e venturas. A saudade em tua face irá brotar, e uma lágrima em cada assinatura, ao folhares teu álbum,

¹⁰ Procurei manter o mais fiel possível as perguntas, respostas e a escrita do memoriais. Não fiz correção de português e nem reformulei respostas ou frases.

deixarás. Felicidade é o que deseja, com muito carinho, tua amiga e professora: Ivani.”
– Não requer mais comentários... Esta é a relação de professor e aluno que eu acredito.

Elas me inspiram, talvez por isso, tenham ganhado mais espaço nesse breve relato. Mas, não poderia deixar de citar o professor Elemar... O prof. Elemar foi meu professor de Educação Artística por um bom tempo. Ele era um pouco chato, não dá pra negar, mas tinha propostas interessantes, voltadas pras Artes Visuais e tinha gosto mesmo era pela Música! “Que couve, que repolho, que tomate. Mas que pepino, Antonio? Que abacate!”, entre outras canções, fizeram parte de longos anos de ensino fundamental.

Tinha também a professora Terezinha, de Ensino Religioso. Ela era calma – até demais – mas muitas de suas atividades eram com apresentação livre, então, aproveitávamos e criávamos pequenas peças teatrais... Foi em uma dessas que pintamos o rosto com tinta de tecido e tivemos que tirar antes mesmo da apresentação, pois ardia muito.

Não sei precisar quando surgiu meu interesse pelo Teatro. Quando criança eu queria ser cantora, mas brincava muito de escolinha e era sempre a professora, independente de ter amigas mais velhas brincando junto. Logo depois, comecei a pensar em fazer Teatro, mas conforme fui crescendo, percebi que não seria muito fácil, pois Venâncio Aires não tem cultura teatral. Tornou-se um sonho. Finalizei o ensino médio e minha opção então era cursar Letras, outra paixão. Mas, o destino reservava boas surpresas... Depois de um curso técnico em Teatro, ingressei na Universidade, unindo o sonho de fazer teatro e a vontade de ser professora.

Licenciatura em Teatro – UFSM:

Um encontro mágico. No primeiro semestre, aquele que era o exemplo de excelente professor: Amauri. O cara gente boa, disposto a construir o curso conosco... Acredito que muito do que a turma é hoje e mesmo do que eu sou, seja pela convivência com ele, uma convivência rápida, mas suficiente para ficar na lembrança e deixar saudades.

O segundo ano nos daria outro presente: André Rosa. Irreverente que ele só! Todas as experiências compartilhadas reverberam até hoje e seguirão reverberando pela vida afora.

No terceiro ano ótimas surpresas: Raquel, orientadora do meu primeiro estágio, que viria a ser minha orientadora do TCC... Dedicção e entrega total ao teatro, coisas

que espero estar aprendendo direitinho, porque ela é quase Doutora nisso! E Cândice, uma figuraça! Não via ela atuando na licenciatura, não conseguia nem imaginar isso, mas quando aconteceu, foi uma feliz revelação! O bom humor dela e, ao mesmo tempo, a acidez com que conduz todas as situações são admiráveis.

Enfim, tem mais professores que mereciam ser citados, com certeza... Profe Orlanda, Ione, Luciano, Adriana... Mas, no momento, as recordações mais presentes são as comentadas.

Isso tudo e esses todos me constituem! Sou Fernanda, formanda de Licenciatura em Teatro, por paixão, opção e convicção.

Leci Brandão – Anjos da guarda: <https://www.youtube.com/watch?v=9s92UNlw618>

PERGUNTAS MEMORIAL 1:

1 - Pra ti, algum dos professores que tu mencionaste no memorial contribuiu para a tua escolha em fazer licenciatura? Por quê?

Com certeza todas as professoras mencionadas contribuíram para minha escolha pela licenciatura. Elas desempenharam lindamente o papel delas e dessa forma, tornaram-se exemplos para mim. A influência foi tanta, principalmente da profe Ivani, que se eu não tivesse ingressado no Teatro (que sempre foi sonho, mas parecia muito distante), eu teria ingressado no mundo das Letras e seria profe de Português!

2 - Em alguma das tuas experiências em sala de aula ou outra experiência formadora (palco, oficina...) tu percebeu a influência de algum professor na tua prática docente? Ou ainda, se existe algum dos professores que te faz pensar "eu quero ser assim, como fulana em sala de aula!"?

Acredito que sempre temos alguém que nos inspira, no meu caso trago como referência o professor Amauri, organizado, com aulas super preparadas, com domínio total do assunto, proporcionando diálogo horizontal com os educandos/oficineiros. Claro que nem sempre atinjo todas estas qualidades, mas estão ali, como objetivo a ser alcançado. E novamente a profe Ivani, que era exemplar, sempre com atividades que despertavam o interesse dos alunos e conquistou o carinho de todos. Lembro de quando descobrimos que ela sairia da escola, organizamos uma festa de despedida, com mensagem ao vivo e tudo. A música que tocou foi “Amor I Love you”, da Marisa Monte, que era a preferida

dela (e a gente sabia, a gente sabia a música preferida dela, e nem tinha facebook naquela época). Ah, foi uma choradeira só, de tanto que ela era querida por todos!

Outra coisa, se tu puderes me dizer o que tu acredita que é mais marcante em ti como docente E se tu acha que isso vem de encontro com as memórias de professores que teve. Para mim, lendo teu memorial de professores, parece que é relacionado ao afeto na relação professor-aluno, a liberdade criativa e dedicação.

Não sei se é o mais marcante, mas gostaria de ser lembrada pelos “meus” educandos como uma artista-educadora que ultrapassou os muros da escola e cumpriu seu papel na vida deles, que construiu conhecimento com eles, ao lado deles, que com afeto conseguiu tocar cada um deles, uns mais, outros menos, mas que de alguma forma talvez seja lembrada em um memorial como este que algum deles possa fazer no futuro.

MEMORIAL 2 – ALICE

Memorial

Em relação ao memorial, começo destacando minha professora da primeira série: Rosângela Zimmer, que a propósito é minha madrinha de batizado. Com os olhos mais brilhantes que conheci, era uma professora amável que deixava um cheiro bom por onde passava. Embora tenha sido com minha mãe que conheci as letras, foi com ela que aprendi a transformá-las em palavras. Dentre elas “cadeado” foi a que mais me proporcionou elogios. Talvez o mais marcante da madrinha Rosângela como minha professora foi ter com ela aprendido a escrever emendado. Meu nome parecia de gente grande quando escrito com letras emendadas.

Uma lembrança que guardo com carinho é a de aprender a desenhar a letra H, que dá início ao meu sobrenome, em letra maiúscula e emendada. Foi muito difícil chegar a perfeição do desenho que a madrinha Rosângela fazia no quadro verde. Meu H maiúsculo é até hoje igual ao dela. Deixou de ser letra. É memória.

Também tenho grande apreço pela professora Alzira Pereira, da 2º série. Ela era mais séria, mas igualmente exigente. Com ela aprendi a tabuada, e quase pensei em gostar de matemática. Também foi uma das professoras que mais me incentivou a ler. Ela desde muito cedo me falava da importância de ampliar o vocabulário, e estabelecer como hábito a leitura.

Do ano que tive aula com ela guardo boas recordações, mas a mais importante foi a do dia em que terminaram as folhas do meu caderninho. Lembro que a professora Alzira foi até a secretaria e me trouxe de lá um caderno de folhas grandes, dizendo: acho que você já pode cuidar de um caderno grande.

Este foi um dos marcos da minha infância. Aquele era um símbolo de que a professora mais exigente da escola me considerava uma aluna dedicada. O caderno era simples, de uma única matéria, com mola e capa mole. Nela estava estampada uma paisagem de praia.

De modo geral tenho carinho pela maioria dos professores com quem estudei, principalmente os da escola rural. Mas são pouco aqueles que realmente considero fundamentais. Acrescento nesta lista a professora Irene Rieger Bratz, já do Ensino Médio. Nova escola, novos olhares e novas abordagens. A professora Irene tem fama por ser uma das professoras mais detestáveis da escola. Muito exigente, séria e intolerante com atrasos na entrega de atividades e trabalhos. Além de severa é professora de química, uma matéria pouco popular entre os adolescentes.

Apesar de também não me cativar pela disciplina, encantava-me a convicção da professora e a paixão que ela tinha pelos conteúdos. Ela prestava atenção em quem participava e se esforçava em aula, dando maior valor ao crescimento que apresentávamos durante o ano, do que às notas das provas.

Também destaco a professora Regina, formada em Artes Visuais na UFSM, que foi a minha primeira inspiração a querer estudar no CAL. Mas não por sua postura como professora, e sim como artista. Embora cultive por ela muito carinho, (que ela nunca saiba disso) as aulas de artes eram para mim uma tortura. Preferia ficar conversando com ela sobre a arte em suas múltiplas manifestações, do que executar as atividades por ela propostas – ampliar hieróglifos, colorir um desenho em mosaico, medir circunferências.

Irritava-me o fato de não poder me expressar com a abstração, e então ao chegar em casa eu jogava todos os meus desenhos e pinturas no lixo. Eram horríveis, já que eu nunca soube desenhar “bonito”, num estilo realista como as minhas colegas.

No entanto, apesar de eu ser uma negação naquele estilo de atividades a professora Regina sempre manteve altas as minhas notas, já que eu demonstrava muito interesse pela teoria da Arte. Ela foi a única professora que me apoiou e ficou feliz com a notícia de que eu havia me inscrito no vestibular para o curso de Artes Cênicas. Também foi a única professora da escola que veio até Santa Maria para me assistir em

cena. Prestigiou o meu espetáculo solo, “Dona Coisa”, quando o apresentei no Theatro Treze de Maio, e mantem a tradição de “curtir” a maioria das minhas publicações sobre atividades teatrais no facebook.

Ela me é paradoxalmente marcante como exemplo da professora que não quero ser, e da artista em que desejo me tornar.

Já na faculdade estabeleci contato com muitos “monstros sagrados”, gigantes em sua atuação nos palcos e nas salas de aula. Durante o bacharelado em Artes Cênicas, Daniel Plá, Pablo Canalles e Adriana Dal Forno. Na Licenciatura em Teatro, Adriana Jorgge, Cândice Lorenzoni e Raquel Guerra.

Para eles dedico um capítulo em meu trabalho de conclusão de curso, TCC. Foram eles os exemplos mais concretos de artistas-professores em que desejo me espelhar. Cada um com sua especificidade, mas todos com semelhante respeito e paixão pelo título de atores.

PERGUNTAS MEMORIAL 2:

1 - Pra ti, algum dos professores que tu mencionaste no memorial contribuiu para a tua escolha em fazer licenciatura? Por quê?

Minha entrada na Licenciatura ainda me é uma espécie de mistério, de modo que é difícil explicar em palavras as razões que aqui me encaminharam. Durante o Ensino Médio nenhum professor me incentivou a prestar vestibular para Teatro, seja Licenciatura ou Bacharelado; muito pelo contrário: havia bastante pressão para que eu me inscrevesse apenas em áreas mais “sólidas e rentáveis”. Portanto, se houve influência deles em minha escolha foi mais pela admiração que tinha por suas posturas profissionais do que por um claro incentivo a fazer o que eu realmente queria.

O curioso desta história é que foi com eles que aprendi as duas coisas que permitiram minha aprovação e estrada aqui: ter foco e disciplina para conseguir concretizar o que meu coração ama e minha mente deseja, e ter a coragem de perseguir os meus sonhos. Graças a estes ensinamentos hoje sou formanda em Licenciatura em Teatro.

2 - Em alguma das tuas experiências em sala de aula ou outra experiência formadora (palco, oficina...) tu percebeu a influência de algum professor na tua prática docente?

Ou ainda, se existe algum dos professores que te faz pensar "eu quero ser assim, como fulana em sala de aula!"?

Os meus professores são exemplos do que quero ser em palco e sala de aula. Vejo influencia direta deles sobre a professora e artista que, se ainda não a sou, pretendo ser. Do primeiro ano na escola ao último semestre da graduação foram tantas as ocasiões em que me peguei pensando que “é exatamente assim que quero ser quando crescer”. Meus professores são meus mestres. Já foram princesas e fadas mágicas, repletas de encantamento. Já foram rima de poesia, versificadas por melodias. Já foram abrigo em tempestade, pinturas em apreciação, sorrisos em dias difíceis. Meus professores são meus Mestres, e espero de todo desejo e coração poder ser reflexo do que eles espelham.

Quicá seja eu um inteiro das várias partes de admiração que cultivo por eles!

MEMORIAL 3 – *JÔÃO DE BARROS*

Memorial

Como pensar a escola sem pensar na relação aluno e professor? De que maneira um professor permanece para sempre em seu aluno? Como esse professor o compõe? Este relato parte de minhas experiências, coisas que vivi, inventei, reelaborei, quem sabe? O que sei ao certo, e apenas hoje percebo com um pouco maior de clareza, é que estas pessoas que assumiram e assumem o ofício de professor ao longo de meu processo de educacional e de construção de conhecimento foram indispensáveis e importantíssimos, antecipadamente peço desculpas por vir a esquecer, pois embora as lembranças sejam de alguns, agradeço a todos que passaram em minha vida.

O agradecimento a todos, é por ter tido de maneira geral uma boa relação com todos os professores com algumas exceções que não fogem a regra, mas vamos lá, eu...”Jôão¹¹”. é! é! Assim mesmo que se escreve com um chapeuzinho no primeiro “o” e não “João” como de costume. Sei disso por causa da minha professora da terceira série, que agora me foga o nome...mas olha que ironia, lembro me dela dizendo como eu estava escrevendo meu nome errado, e isso já na terceira série do ensino fundamental,

¹¹ Modifiquei o nome do colaborador para manter sua identidade em sigilo.

aluno sempre muito educado, dedicado, “é um rico de um guri diziam meus professores nas reuniões de pais” e assim fui indo.. quarta, quinta, sexta série... sétima série.

Professores importantes é claro mas levava minha vida e ela me levava... dentro destes anos, sempre na companhia de um grande professor de educação física “DIDA”, meu interesse pelo futebol era grande... jogava futebol o tempo todo essa era minha preocupação... torneios, medalhas... eu realmente sonhava que seria um jogador de futebol profissional.

Mas na sétima série aconteceu um fato que me marcou muito, meus pais se separaram, nessa época as escolhas deveriam ser feitas... fiz algumas entre elas, não sentia mais interesse pela escola... por isso... comecei a não ir... e ela ficou distante, o céu foi perdendo o azul e as coisas perderam as cores, inclusive o futebol... e os professores mudaram a fala... “é um rico de um guri, pena que não vem na aula” e assim, fui perdendo os amigos mais próximos e outras coisas como os cabelos que eram compridos até meu pai cortar, depois de ir me buscar na escola e eu não estava lá... aí, precisava de mudanças, então mudei... mudei de escola, de casa, de amigos de professores?

E de nada adiantou... os professores a mesma coisa” um rico de um guri, mas não vem na aula” foi aí que o teatro entrou na minha vida, novamente não lembro do nome da professora, só lembro que ela botava os colchonetes e uma música e hoje reconheço que aquilo era eutônia, mas o que eu mais gostava é que eu podia dormir um bom pedaço da manhã e entrava em um estado de relaxamento muito bom, esperava a semana para ir nessa aula, uma das poucas que eu ia.

Mas nesse mesmo ano ocorreu um fato curioso, eu fazia aula de inglês, professora Márcia, essa eu não esqueço, por esse fato nunca mais fiz inglês como língua estrangeira, o fato que em meio a uma troca de período e professor, professora Márcia entrou junto com os colegas, que ficaram apoiando a porta, eu como tinha saído para dar uma voltinha forcei a porta e depois de algum tempo, peguei embalo e dei um chute na porta...

Isso é um pouco constrangedor, mas enfim, quebrei o braço a professora Márcia, com isso acabou por definitivo minha aula de inglês e minha vontade de ir a escola e assim, consegui algo novo, minha primeira reprovação, por frequência por sinal.

Bom, depois disso “não quer estudar, vai trabalhar” dizia meu padrasto e com 14 anos comecei a trabalhar entregando o jornal de madrugada, aí novamente entrou um professor em minha vida, saudoso professor Régis e fazendo uma entrega de jornal

próximo a escola, outra escola do mesmo bairro que o professor era diretor, ele me encontrou, e conversamos, ele sabia que eu jogava futebol, já tinha enfrentado a sua escola várias vezes, foi então, que ele me convidou, para eu ir estudar na escola dele, que ele queria fazer um time competitivo, a noite, em um programa que tinha recém aberto que chamava EJA, eu não estava estudando era começo do ano, na verdade hoje percebo que era mais para eu voltar a estudar, do que para jogar futebol.

Bom eu achei uma ideia boa, podia recuperar o ano perdido e ainda jogar futebol, naquela escola que tinha quadra coberta, era um luxo!!! Acabou o ano, joguei futebol, ganhei medalha e passei de ano, mas infelizmente o colégio era de ensino fundamental...então fui eu de volta para escola que tinha quebrado o braço da professora, “menos mal que lá tem teatro” pensava eu, e voltei, troquei o trabalho para lavagem de carro a tarde e comecei a estudar de manhã, motivado, começar do zero...mas as coisas não estavam fácil em casa novamente, naquele ano larguei a escola no meio do ano, só trabalhei o restante, foi então que sai de casa.

No ano anterior na escola criei um laço de amizade com o então diretor da escola professor Benito...uma figura...”Jovens!!!! o futuro deste país! o que fazem fora da sala de aula!” gritava ele ao longe no início do pavilhão enquanto matávamos aula.

Então depois de sair de casa fui procurá-lo para conseguir uma ajuda, o professor era aquele cara trabalhador e tal, trabalhava fora da escola, em uma empresa de purificadores de água ,e com ele arrumei o trabalho de vendedor de purificador, com uma condição que eu volta-se para a escola, ai eu voltei para a escola, e ele me ensinou a vender...kkkk, claro que eu n

Nunca mais fiz inglês, fiz espanhol até o final do ensino médio, bom diria que as coisas melhoraram, recriamos e fui presidente do grêmio estudantil da escola nos três anos do ensino médio que se seguiriam...e tive alguns problemas, mas coisa pouca, uma vez já presidente do grêmio, roubei um saco de arroz da escola para fazer um risoto beneficente, o Benito descobriu e ficou louco da vida, disse que se eu tivesse pedido ele dava!hahah, coisa de adolescente....

Bom, muitos anos longe dos cadernos e entrei na universidade foi a realização de um sonho...e certo que embora ainda não tenha a consciência real do que reverbera esses professores sei que será importante,mas ainda preciso que tudo vivido aqui na ufsm, amadureça.....

Fazendo esse relato, fico pensando em algumas respostas que preciso, a um ano...uma menina que foi minha aluna no quarto, ano passado, e que esse ano largou a

escola, já estamos em outubro, e tento com todas as minhas forças trazer ela de volta a escola, não vou dizer que tentei tudo, pois, continuarei tentando,ela mora muito no interior...e esses dias eu fui até La para levar umas cartas que pedi que seus colegas fizessem para ela, fiquei La um certo tempo, e na volta já um pouco emocionado, ficava pensando o por que eu não consegui desistir dela...agora após esse relato consigo entender um pouco.

PERGUNTAS MEMORIAL 3

1 - Pra ti, algum dos professores que tu mencionaste no memorial contribuiu para a tua escolha em fazer licenciatura? Por quê?

Não sei, conscientemente não, mas acredito por ter vivido com essas pessoas o que vivi, inconscientemente posso ter sido influenciado.

2 - Em alguma das tuas experiências em sala de aula ou outra experiência formadora (palco, oficina...) tu percebeu a influência de algum professor na tua prática docente? Ou ainda, se existe algum dos professores que te faz pensar "eu quero ser assim, como fulana em sala de aula!"?

É inevitável que eu reproduza as experiências e o conhecimento que passou por mim, nas “aulas” que participei, intrinsecamente a isso encontra-se os professores que já tive aulas, boas e ruins, vivências. E de alguma maneira me encontro nas costas dessas pessoas e tantas outras que se fazem presente por meio de referencial teórico, mas a questão que penso que quando se está em sala de aula é que não penso na figura do professor, não me pego pensando nisso nunca para falar a verdade, me detenho ao aluno e isso me basta. Quanto a ser como algum professor, não almejo, penso hoje em não me preocupar com isso, penso em não ser o melhor professor do mundo...nem o pior...penso em apenas SER, ESTAR ALI, SEM CONSEQUÊNCIAS, RESULTADOS.

QUANTO A MEMÓRIAS QUE ME MARCARAM TEM MUITAS, INCLUSIVE ACHO QUE ESTOU FICANDO MUITO SENSÍVEL PARA ESTAR EM SALA DE AULA, ISSO ME DOI ME FERIR, A ESCOLA E CONTEXTO ESCOLAR NOS COBRAM MUITO E ACHO QUE MINHA PRÁTICA ESTÁ AMPLIANDO CADA VEZ MAIS MINHA PERCEPÇÃO, E COM ISSO, VEJO AS URGÊNCIAS E SÃO TANTAS E ISSO VAI DEIXANDO EU UM POUCO DOENTE. SENDO

ASSIM, ESTOU AO TEMPO TODO MARCADO NA ESCOLA...EM UMA AULA...MUITAS COISAS NOS MARCAM, SEMANA PASSADA ESTIVEM COM ALUNOS DO 5 ANO EM UMA ESCOLA DO INTERIOR, O QUE ME MARCOU, ELES NUNCA TINHAM ESCRITO UMA CARTA AO PAPAÍ NOEL...AGORA JÁ ESCREVERAM!!!